

# ENRAIZAMENTO INFORMAL. PERMANÊNCIAS INFORMAIS NA CIDADE CONTEMPORÂNEA

*Alessandro Tessari, Cristovão Fernandes Duarte (Orientador), Alberto Ferlenga (Co-orientador)*

## Resumo

O trabalho parte da constatação de que está em ato a nível global um processo de enraizamento, nas metrópoles contemporâneas, das “cidades informais” que se estruturam sobre si mesmas e permanecem e se sedimentam no imaginário coletivo produzindo uma inédita mutação sociocultural. Esta mudança de paradigma gera sempre mais difusamente processos invariantes que se exprimem também através do corpo físico destes assentamentos, que começam a mudar e a assumir lógicas de estabilização e reorganização. O trabalho se propõe a afrontar de modo sistemático e rigoroso a leitura deste fenômeno, analisando de um ponto de vista morfológico o tecido urbano de quatro favelas do Rio de Janeiro, âmbito de observação privilegiado a respeito da informalidade. Estes territórios, depois de terem sido longamente atravessados, observados, levantados, mapeados e redesenhados, são analisados em escala territorial, para sondar as incidências do enraizamento nas metrópoles, e em escala espacial, para identificar e compreender as sintaxes de evolução e de micro transformação de seu tecido urbano. A ideia de base do trabalho é a de olhar estes territórios, até então não explorados com a necessária precisão pela literatura científica, com “olhos de arquiteto”, superando o muro representado pela hipercomplexidade, marginalidade e dificuldade de acesso. O fim é o de construir um específico e inédito catálogo informal que reúna o patrimônio de ações, formas e espaços urbanos gerados dentro do enraizamento, e utilizável como instrumento de conhecimento e interpretação rigoroso da informalidade. As temáticas confrontadas neste estudo buscam dar uma significativa contribuição – se não uma resposta preliminar – a questões de particular atualidade no debate científico: quais cenários urbanos se geram a partir do enraizamento informal? Qual gramática urbana e espacial se geram? Pode a teoria urbana absover estas novas questões e traduzi-las em precisos métodos de ação de projeto?

**Palavras-Chave:** enraizamento informal, espaço contínuo informal, morfologia espacial informal, estratificação informal

Livro INFORMAL ROOTING. An open Atlas, Editora ListLab



124

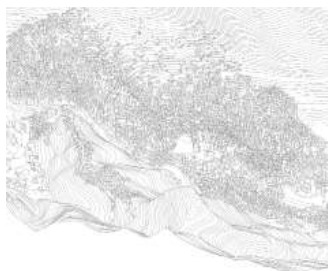


Figura 1: Vista aérea do tecido urbano da Rocinha (A. Tessari)

Figura 2: Densidade do tecido urbano da Rocinha (A. Tessari)

## INTRODUÇÃO

A temática da cidade informal - sistema espacial, econômico e sociocultural - foi se impondo nas últimas décadas no centro da atenção crítica nos estudos das cidades e das metrópoles contemporâneas. Os dados sobre demografia urbana mundial nos revelam um crescimento constante das favelas e da população que nelas vivem, que atualmente ultrapassa 1 bilhão de pessoas. Nos estimados 200.000 assentamentos informais do planeta, vive hoje um terço da população urbana mundial, e que está destinada ao crescimento com o ritmo de 27 milhões de pessoas por ano estimado no período de 2010 a 2020. Este dado não pode não levantar as questões fundamentais sobre o papel que o fenômeno da informalidade está tendo e terá no cenário global contemporâneo e, está impondo uma reflexão madura sobre a explosiva e irrefreável mutação do conceito de urbanidade que isso comporta.

A informalidade foi por muito tempo pensada e tratada como um fenômeno fraco e destinado para uma evolução mais ou menos forçada para uma configuração formal. Depois das experiências desastrosas dos “tabula rasa” que foram praticadas até os anos 70 e que tinha como objetivo a destruição desses assentamentos sob a pressão econômica de uma cidade planejada, a contemporaneidade está evidenciando - contrariamente a esta visão, uma mudança de registro nas dinâmicas de desenvolvimento e o aparecer do fenômeno aqui chamado “enraizamento

informal”. Os assentamentos instáveis e precários mesmo após remoções parciais ou alterações nas suas formas e dinâmicas, calcificavam-se no espaço e, em muitos casos, se estruturavam em si mesmo e permaneciam sedimentados no imaginário coletivo produzindo uma inédita mutação física e cultural da cidade. Esta mudança de paradigma está gerando cada vez mais de forma difusa fenômenos de não-substituição: a população da cidade informal - em constante e progressivo crescimento - se consolida e se torna estável. O enraizamento se expressa através de um crescente senso de pertencimento social da população e, sobretudo, através o corpo físico desta cidade que começam a mudar e assumir lógicas de estabilidade e reorganização, predispondo o próprio tecido urbano para nova condição de permanência. A cidade informal, “buraco negro” nos mapas das cidades urbanas inicia a interação com a cidade reivindicando o seu direito de existir; se inserem no skyline das megalópoles mudando o seu ordenamento, revirando as hierarquias e desenhando inéditas centralidades. Enraizando-se criam novas topografias artificiais e constroem novas geografias, invadem áreas de transição e espaços residuais, urbaniza de forma imprevisível e vastos territórios naturais.

A rápida dissolução da dicotomia entre formal e informal, realizada através da contaminação progressiva entre as duas condições do urbano, delineia uma realidade irreversível onde a metrópole contemporânea deve fazer as contas.

O enraizamento informal configura-se como um novo fenômeno na história da cidade contemporânea: o que é inédito é a sua proporção e extensão, a sua proliferação sem controle, a sua conexão estrutural com as economias locais, a irrefreável expansão demográfica que o acompanha e transforma grandes territórios da metrópole, populosos e estratificados no tempo e nas formas espaciais, complexas entidades urbanas calcificadas e não substituíveis.

Consolidação, estratificação e hipercongestão são alguns dos processos que estão transformando os principais slum do planeta especialmente no sul da América em um “laboratório urbano” capaz de formular novas configurações do âmbito do morar dentro da densidade, de elaborar novas leituras de fruição do espaço urbano e onde se realizam novas formas de interação social cultural e identitária que as metrópoles parece não ter capacidade de oferecer

No sulco aberto desta temática se insere o trabalho de pesquisa. Uma ampla literatura de diferentes disciplinas que abrange as ciências sociais tem procurado examinar as modalidades de desenvolvimento e transformação destes assentamentos, as práticas comunitárias que nelas se criam e suas dinâmicas de enraizamento identitário e cultural.

Poucos estudos têm focado a sua atenção sobre as formas urbanas e espacial e espaciais produzidas, assumindo a análise morfológica como instrumento estratégico de indagação, de compreensão e de interpretação do fenômeno. A

primeira razão desta ausência pode estar nas dificuldades objetivas de se aproximar àquele território. Uma segunda e mais complexa razão é a dificuldade de se estudar formalmente a dimensão espaço-temporal dos assentamentos informais, porque ela tem as próprias lógicas internas e os próprios códigos de organização. A informalidade, não se pode reduzir a uma simples práxis urbana ilegal, um problema de planificação ou modelo econômico. Na verdade, trata-se, mais que tudo, de uma mentalidade, uma estratégia, o ato de se compreender as periferias da existência transcendendo os ordenamentos rígidos impostos da cultura dominante. Se por definição os sistemas formais estão ordenados por um conjunto de normas específicas, elaboradas para regular a vida social e prever o seu desenvolvimento, a informalidade é um sistema de nivelamento que contempla a introdução do caos na ordem, uma atitude adaptativa que aceita a falta de uma visão de longo alcance, a surpresa e a casualidade como elementos inevitáveis da vida. Esta dimensão evasiva, aparece ainda mais complexa se observada na sua dimensão física objetiva; os assentamentos informais se configuram como territórios não hierarquizados, conotados de uma organização não linear e rizomática.

Para poder compreender as lógicas estruturais não é suficiente uma observação geral de tipo comparativo, mas precisa entrar nas especificidades de cada território. Para responder a estas necessidades e conseguir obter uma leitura mais acurada e exata do fenômeno do enraiza-

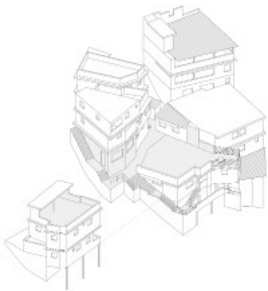
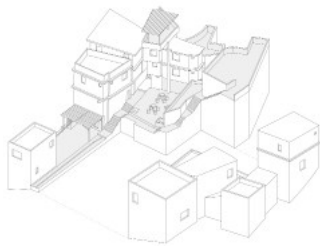


Figura 5: Espaço público informal 3 (A. Tessari)

Figura 6: Espaço público informal 4 (A. Tessari)

mento informal, o campo de indagação da pesquisa se foca no estudo das favelas do Rio de Janeiro.

O trabalho tem como propósito de enfrentar de forma sistemática e rigorosa a leitura tipológica do tecido urbano, no processo de enraizamento informal estudado. A partir do “olhar do arquiteto” se constrói uma indagação sobre os mecanismos pelos quais o corpo urbano, efêmero por sua natureza, possa desenvolver códigos de auto-regulamentação que lhe permita tornar-se um fenômeno estável no tempo e no espaço.

Partindo da quebra de paradigma - consolidado na teoria urbana e no imaginário coletivo - que associa o termo da informalidade com aquilo de “ausência de forma”, o trabalho tem o propósito de indagar a morfologia da cidade informal. A particularidade e originalidade deste estudo está na ideia de documentar o fenômeno observado não somente através do elenco dos dados demográfico ou das análises sociopolíticas presente em inúmeros estudos científicos, mas através da construção de um “atlas informal”, um catálogo inédito de ações, formas e espaços urbanos gerados “dentro” do processo de enraizamento.

O percurso de análise desenvolvido parte dos dados reais, coletados no campo, discutidos e verificados com os moradores e levados sucessivamente a uma dimensão mais geral.

Para desenvolver este tipo de estudo é necessário entrar no território da favela estudar “de dentro” através um paciente trabalho de comparação “caso a caso”

com a especificidade e o contexto dos diferentes tecidos informais.

O enraizamento informal, que se delinea como uma das principais modalidades de produção dos territórios dos espaços urbanos contemporâneos, coloca em evidência como novos instrumentos orgânicos de leitura e de análise precisam ser elaborados para poder construir uma cultura da cidade inclusiva e conseguir realizar de forma eficaz e precisa o papel do projeto urbanístico dentro desses territórios complexos.

### **ENRAIZAMENTO INFORMAL. PERMANÊNCIAS INFORMAIS NA CIDADE CONTEMPORÂNEA**

Desde o surgimento da Favela do Morro da Providência no Rio de Janeiro em 1897, até a década atual, quando já se admite a existência de cerca de 700 favelas, abrigando uma população estimada em mais de 1 milhão de pessoas (IBGE - Censo 2000), o fenômeno da favelização da urbe carioca vem se agigantando e adquirindo um grau de complexidade que desafia a própria capacidade de compreensão dos especialistas. Em que pese o esforço continuado de pesquisadores dos mais variados campos do conhecimento dedicados à tarefa de estudar as favelas, persiste um notório e constrangedor consenso acerca do muito que ainda nos falta avançar nesta matéria.

Arraigadas no seio da sociedade persistem também as representações construídas pelo senso comum que estig-

matizam as favelas como lugares da marginalidade e da violência. Sabidamente preconceituosas e desinformadas, essas representações constituem um grave obstáculo à consecução de políticas públicas destinadas à melhoria das condições de vida daquelas populações, bem como a ações que visem sua integração no tecido social e urbano da cidade.

As favelas foram longamente estudadas na literatura científica do ponto de vista social, econômico e urbano, mas faltam estudos que foca com atenção a tipologia dos corpos informais, as lógicas de sua geração e regeneração, os processos de enraizamento na geografia dos territórios e na metrópole contemporânea.

Por esta razão é preciso desenvolver um vigoroso estudo morfológico das favelas; o objetivo de colher a partir de uma precisa perspectiva urbana espacial, as modalidades do desenvolvimento e da estabilização da estrutura, predispondo o próprio tecido urbano e para condição de permanência. Este fenômeno que está acontecendo, tem enormes consequências no plano dos equilíbrios e nas dinâmicas internas das metrópoles, se realiza através de estratégias de pequena escala e para poder entrar neste “micro processos” não é suficiente a análise morfológica das favelas “in toto” mas precisa um “estudo anatômico” do corpo informal.

Na análise da escala urbana, emerge a existência de lógicas recorrentes que permite as favelas de nascer e se formar a partir das mais complexas situações do contexto, de organizar e estruturar um sistema de circulação interna, de expan-

são e ocupação do território, de construção de novos territórios, de absorver as mutações do ambiente circunstante e de reagir com flexibilidade aos seus traumas.

Trata-se de uma sintaxe organizativa, independente da escala do assentamento, não referenciada a modelos materiais repetidos no espaço com um esquema predeterminado, mas principalmente a “modelos de ação espacial”, ou seja, processos mais do que formas, capazes de gerar espaços. Esses modelos envolvem as práticas de vida dos moradores dos assentamentos informais como a construção, a fruição e a transformação do espaço urbano, e somente como consequência a estas, as formas materiais produzidas.

A centralidade do processo e das práticas sociais nas dinâmicas do desenvolvimento urbano subvertem a ordem convencional da organização da cidade planejada, revertendo as sequências “projeto-construção-fruição” em “construção/fruição-projeto”. Na favela, como se percebe, o processo de fruição e construção -realizado em grande parte pelos residentes- coincide e precede uma fase projetual; esta última não pode ser entendida no sentido convencional como técnica abstrata de planificação e cálculo, mas como um processo aberto que pressupõe uma ação participada, expressão de uma cultura compartilhada.

Esta reviravolta no processo é central ao fim do estudo morfológico, porque leva a considerar o espaço urbano como uma consequência direta de práticas de construção e fruição e não como resultado de um pensamento ordenador.

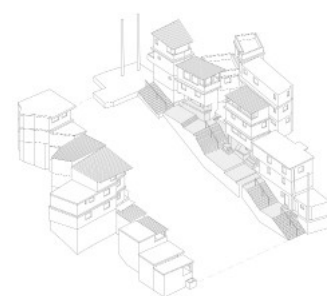


Figura 3: Espaço público informal 1 (A. Tessari)

Figura 4: Espaço público informal 2 (A. Tessari)



<sup>1</sup> A. Tessari, *Informal Rooting. An open Atlas*. List Lab, Rovereto, 2020.

O *focus* da pesquisa não será nas formas observadas, mas nos processos que o “trans-formam”. Por esta motivação o tecido da favela é estudado partindo da pequena escala até para a grande escala, da “parte” para o “todo” e não vice-versa.

Uma observação mais aproximada a uma favela específica, Santa Marta, pode permitir de encontrar algumas respostas estas perguntas e revelar qual são as táticas escondidas de sobrevivência (feitas de inserções, infiltrações, substituições, ancoramentos e expansões) que tem a capacidade de realizar uma poderosa consolidação informal no cenário do Rio de Janeiro.

Estas dinâmicas serão visibilizadas através de uma a coleta de casos específicos, documentados com numerosas reconstruções gráficas do autor. Uma tentativa de catalogar a tipologia das ações e dos processos, mais do que das formas, que permita de decodificar o espaço informal, virando assim um suporte importante para ação projetual neste tipo de contextos.

A pesquisa se desenvolve a partir do trabalho de doutorado, realizado em regime de Co-Tutela entre a Universidade Federal do Rio de Janeiro e a Universidade IUAV de Veneza e representa uma contribuição relevante e inédita para o campo de estudos do urbanismo. O trabalho desenvolve uma abordagem teórico-metodológica sobre a morfologia dos espaços populares, autoconstruídos como resposta aos processos de exclusão e segregação socioespacial presentes na cidade do Rio de Janeiro. Tal abordagem

resulta do “olhar do arquiteto” sobre a configuração espacial da cidade que não se confunde com as abordagens das demais ciências sociais, como a sociologia, a antropologia, a geografia, mas as complementam, permitindo fazer avançar a compreensão sobre o fenômeno em estudo. Sua especificidade reside na possibilidade de representação gráfica, leitura e restituição analítica das complexas configurações espaciais assumidas pelos sistemas autoconstruídos de moradia, comércio e espaços públicos existentes na favela estudada. O movimento analítico empreendido permite perceber existência em ato de uma sintaxe espacial urbana, responsável pela articulação das diferentes partes entre si e com o todo, disto resultando, em grande medida, elevados índices de vitalidade e continuidade socioespacial do tecido urbano e o sentido de harmonia do conjunto edificado. Nesse sentido, o esforço de sistematização e síntese dos resultados obtidos, bem como as formas de representação gráfica produzidas neste trabalho, permitem aprofundar o conhecimento acumulado acerca dos espaços populares informais, constituindo-se, ademais, num valioso aporte teórico-documental para embasar futuras pesquisas sobre as transformações da forma urbana em curso na cidade contemporânea.

A pesquisa de doutorado, depois de ser apresentada em diferentes Universidades Internacionais de arquitetura, dentro seminários, workshops e conferências, virou uma Exposição Itinerante já hospedado em prestigiosas universidades europeias e sul-americanas entre

eles a Universidade IUAV de Veneza, Universidade de Ferrara (Itália), Universidade Católica de Pereira e a Pontifícia Universidade Javeriana de Bogotá (Colômbia) e a Escola da Cidade de San

Paolo. O trabalho de pesquisa foi transformado em 2021 no livro *INFORMAL ROOTING. An open Atlas* com edição bilíngue, publicado pela ListLab<sup>1</sup>.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Maurício de e VAZ, Lilian Fessler. *Sobre a origem das favelas*. Trabalho apresentado ao IV Encontro Nacional da ANPUR, Salvador, 1991.
- DAVIS, Mike. *Planeta favela*. São Paulo: Boitempo, 2006.
- DUARTE, Cristovão Fernandes. “Rio de Janeiro, doze décadas de favelas: da invisibilidade à onipresença”, in: LUCARELLI, Francesco, DUARTE, Cristovão e SCIARRETTA, Massimo (org.) *Favela & cidade*. Napoli: Giannini Editore, 2008.
- DUARTE, Cristovão Fernandes. “Favelas cariocas: a força de resposta do lugar”, in: LUCARELLI, Francesco (org.) *Farway, so close: periferie*. Napoli: Stampa Cagiano Gráfica, 2007.
- DUARTE, Cristovão Fernandes. *Forma e movimento*. Rio de Janeiro: Viana & Mosley / Ed. PROURB, 2006.
- DUARTE, Cristovão Fernandes. “Espaços de convergência e utopia: um diálogo entre as obras de Milton Santos e Henri Lefebvre”. *Cadernos IPPUR*, Rio de Janeiro, Ano XV, N. 1, 2001, p. 137-146.
- IBGE. *Estatísticas do Século XX*, Centro de Documentação e Disseminação de Informações. Rio de Janeiro: IBGE, 2003.
- JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- JACQUES, P. B. *Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da arte de Hélio Oiticica*. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2001.
- LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Ed. Moraes, 1991.
- LEEDS, Anthony e LEEDS, Elizabeth. *A Sociologia do Brasil urbano*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.
- PERLMAN, Janice. *O mito da marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: espaço e tempo: razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- VALLADARES, Licia do Prado e MEDEIROS, Lidia. *O que já se sabe sobre a favela carioca: uma bibliografia comentada*. Rio de Janeiro, Urbandata/Iuperj/UCAM (no prelo).
- VAZ, Lilian Fessler. “Dos cortiços às favelas e aos edifícios de apartamentos - a modernização da moradia no Rio de Janeiro”. *Análise Social - Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*, 24, 127: 581-97, 1994.